

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ÉRICA APARECIDA DE OLIVEIRA FERNANDES

**LAZER: tempo livre e indústria cultural.  
Contribuições de Adorno para os estudos do lazer**

PIRACICABA  
2010

ÉRICA APARECIDA DE OLIVEIRA FERNANDES

**LAZER: tempo livre e indústria cultural.  
Contribuições de Adorno para os estudos do lazer**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, na área de concentração Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer, linha de pesquisa Corporeidade e Lazer, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Física.

Orientador: PROF. DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO

PIRACICABA  
2010

ÉRICA APARECIDA DE OLIVEIRA FERNANDES

**LAZER: tempo livre e indústria cultural.  
Contribuições de Adorno para os estudos do lazer**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, na área de concentração Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer, linha de pesquisa Corporeidade e Lazer, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Física.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino (orientador)**

---

**Prof. Dr. Edmur Antônio Stoppa – EACH/USP**

---

**Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha – EACH/USP**

Piracicaba, 10 de agosto de 2010

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que acreditaram em mim e que me apoiaram de alguma maneira.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelas oportunidades; a meus pais José e Eral pelo apoio e confiança; a toda a minha família, em especial meus irmãos Lú, César e Dú, minha tia Cida e meu tio Jarbas, minha sogra Vera e meu sogro Manoel, minha cunhada Renata, que acompanharam toda a minha trajetória. Agradeço ainda meu amado a meu esposo, Bruno, que esteve ao meu lado com muito carinho, amor e dedicação. E agradeço a meu querido amigo e orientador, Marcellino, que sempre serviu de inspiração e que acreditou em mim e em meu trabalho. Agradeço, ainda, à Capes pelo apoio parcial com bolsa integral.

**RESUMO:** O objetivo desta dissertação é analisar as contribuições de Adorno para os estudos do lazer, a partir das relações entre as “categorias” indústria cultural e tempo livre. Ao destacar e analisar a contribuição do autor para a formulação de uma possível “teoria do lazer”, busca-se contribuir para o embasamento teórico de projetos que estudem as relações entre lazer e cultura e lazer e sociedade, bem como projetos de ação na área. O trabalho foi efetuado por pesquisa bibliográfica. O levantamento bibliográfico foi efetuado no Sistema de Bibliotecas da Unimep e Unicamp, em ferramentas disponíveis na Internet, e no Banco de Dissertações e Teses da Capes, este último no período de 2005 a 2009, a partir das palavras-chave: lazer, cultura, indústria cultural, tempo livre e Adorno. As obras selecionadas foram lidas e examinadas por análise textual, temática, interpretativa e crítica. A dissertação foi dividida em dois capítulos inter-relacionados: no primeiro, “Adorno, tempo livre e indústria cultural”, procura-se situar a obra de Adorno no contexto histórico da Escola de Frankfurt, destacando e analisando os conceitos de tempo livre e indústria cultural à luz da teoria crítica; no segundo, “Lazer e cultura – algumas aproximações”, são destacadas e analisadas as relações entre os dois temas. Nas considerações finais são enfatizadas as contribuições de Adorno para os estudos do lazer, que já vinham sendo efetuadas no decorrer do trabalho. A relação entre os dois capítulos componentes desta dissertação leva-nos a concluir que Adorno traz importantes contribuições para os estudos do lazer, a partir do momento em que estabelece uma teoria crítica da cultura, e também por suas análises do aspecto “tempo” do lazer, conferindo destaque ao tempo livre. Seus estudos podem ser situados, assim, entre as abordagens indiretas do lazer, a partir dos conteúdos culturais e das relações com as esferas das “obrigações” humanas. Por meio de suas reflexões, Adorno contribui para o entendimento da “especificidade concreta do lazer”, em contrapartida às abordagens “abstratas”, uma vez que considera o tempo livre e a cultura inseridos historicamente. Com relação aos conteúdos culturais do lazer, podemos considerar como ponto alto de sua contribuição a análise da difusão e criação da cultura e suas relações com a chamada “indústria cultural”. A análise da indústria cultural feita por Adorno, à luz da teoria crítica, representa um elemento eficaz para uma crítica à visão funcionalista do lazer, em suas várias nuances – romântica, compensatória, moralista e utilitarista. Por outro lado, suas considerações sobre o tempo livre podem ser importantes ao se considerar o papel dos animadores socioculturais, contribuindo para a elevação de níveis no desenvolvimento do lazer das pessoas, passando de conformistas para críticos e criativos. Assim, a ação humana, no lazer, ocorreria não apenas no campo da prática, mas também no da fruição e no do conhecimento. Embora originalmente pessimista, no decorrer da obra de Adorno a tendência é o caminho para o otimismo no que diz respeito às possibilidades “utópicas” do “tempo livre”.

**Palavras-chave:** Adorno, lazer, cultura, indústria cultural, tempo livre.

**ABSTRACT:** The purpose of this dissertation was to analyze Adorno's contributions to the studies on leisure, based on the relations between culture industry and free time. By emphasizing and analyzing the author's contribution to the shaping of a possible "theory of leisure", we seek to contribute to the theoretical basis of projects that study the relations between leisure and culture, and leisure and society. The work was conducted through literature research. The literature survey was conducted in Unimep and Unicamp's Library System, through tools available in the internet, and in Capes's Bank of Dissertations and Thesis. The latter was performed from 2005 to 2009, using the following keywords: leisure, culture, culture industry, free time, and Adorno. The selected works were read and analyzed through textual, thematic, interpretative, and critical analysis. The dissertation was divided into two interrelated chapters. In the first – "Adorno, free time, and culture industry" – we seek to place Adorno's work in the historical context of the Frankfurt School, pointing out and analyzing the concepts of free time and culture industry in the light of the critical theory; in the second – "Leisure and culture: some approaches" – the relationship between both themes is emphasized and analyzed. In the final considerations, Adorno's contributions to the studies on leisure are emphasized, although it was done throughout the whole work. From the relation between the two chapters we conclude that Adorno brings important contributions to the studies on leisure by establishing a critical theory of culture and also by his analysis on the question of "time" in leisure, giving prominence to free time. Thus, his studies can be placed among the indirect approaches of leisure, from the culture contents and the relations with the spheres of human "obligations". Through his reflections, Adorno contributes to the understanding of the "concrete specificity of leisure", as a counterpart to the "abstract" approaches, since free time and culture are historically inserted. As to the cultural contents of leisure, the analysis of the diffusion and creation of culture and its relations with the so-called "culture industry" may be considered an important point in his contribution. In the light of the critical theory, Adorno's analysis of culture industry is an efficient element for a critique to the functionalist view of leisure, in its several nuances: romantic, compensating, moralist, and utilitarian. On the other hand, his considerations on free time may be important when one considers the role of the social cultural animators, contributing to a rise in the levels in the development of people's leisure, from conformist to critic and creative. Thus, in leisure, the human action would occur not only in the field of practice, but also in the fruition and knowledge. Despite originally pessimistic, throughout Adorno's work the trend regarding the "utopian" possibilities of "free time" is optimistic".

**Keywords:** Adorno, leisure, culture, culture industry, free time.

**SUMÁRIO**

<b>Introdução</b>	<b>09</b>
<b>I – Adorno: tempo livre e indústria cultural</b>	<b>14</b>
<b>1. Situando a obra de Adorno</b>	<b>14</b>
<b>2. Adorno e a Indústria cultural</b>	<b>19</b>
<b>3. Adorno e o tempo livre</b>	<b>32</b>
<b>II – Lazer e cultura: algumas aproximações</b>	<b>39</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>46</b>
<b>Referências</b>	<b>51</b>



## **Introdução**

Os termos “teoria” e “prática” são bastante utilizados no senso comum, o que levou a um desgaste quanto a seu entendimento, inclusive nos meios acadêmicos, principalmente naquelas áreas ligadas à prática de atividades, como é o caso da Educação Física.

Em geral, entende-se “teoria”, como uma especulação ou como “discurso vazio” desvinculado da realidade vivida no concreto, e “prática”, como uso, experiência desvinculada da “teoria”, o que a transforma, via de regra, em tarefa ou ação desprovida de sentido.

Quando ligada à Educação Física, a dicotomia teoria-prática revela-se ainda mais intensa e cercada por mal-entendidos, por uma série de fatores.

O primeiro deles é a tendência a se associar a prática da Educação Física à prática de alguma modalidade de atividade física, ou seja, como exercício, uso, experiência, vivência, o que torna a relação com a teoria extremamente complicada, uma vez que o conceito de prática fica ainda mais restrito.

Além disso, há pelo menos mais um fator a ser considerado: o que se chama hoje de “educação física” é extremamente abrangente e, talvez por isso mesmo, impreciso, incluindo a ampla gama de atividades ligadas ao corpo, físico, movimento etc. Aí se incluem o esporte, os interesses físico-esportivos no lazer, a atividade física adaptada e a pedagogia que envolve cada uma dessas áreas e, de uma maneira geral, a educação motora. Isso é ainda mais agravado, pois todas essas esferas, e outras aqui não colocadas, possuem dimensões ligadas ao conhecimento das Ciências Físicas, Biológicas e Humanas, em menor ou maior grau.

Ao invés de tentar precisar e entender a especificidade do que se denomina educação física de modo geral, os esforços acadêmicos da área têm procurado uma ciência específica, entendendo que só é possível o estabelecimento de

uma teoria em torno de uma determinada área ou problemática a partir do momento em que ela se constitui em uma ciência específica.

Se entendermos “teoria” como um conjunto de conhecimentos não ingênuos, com diversos graus de sistematização e credibilidade, e que se propõem a explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem à atividade prática; e “prática” como um saber provindo da experiência e ao mesmo tempo aplicação da teoria, teríamos, ao invés de sua dicotomia, o que SAVIANI (1980) denomina dialética estabelecida entre ação, reflexão, ação. Desta forma, chegaríamos não a uma dicotomia teoria-prática, mas a um conceito que não lhe esgotasse a extensão, ou seja, uma unidade que não pode e não deve ser entendida como unificação, no que se chama de “práxis”: Entender-se-ia que não existe atividade sem projeto, ato sem programa (FORACCHI; MARTINS, 1981).

Assim, não é necessária a criação de uma ciência específica para a elaboração de uma teoria sobre determinada problemática, mas esta pode ser estabelecida a partir da contribuição de várias ciências e da reflexão filosófica, ou seja, da filosofia entendida enquanto produto e, sobretudo, enquanto processo.

É importante destacar, ainda, que a teoria, exatamente por guardar estreita relação com o agir humano, não é neutra, possuindo não apenas uma dimensão lógica, mas também uma dimensão antropológica (PEREIRA, 1982). Não é puramente objetiva, mas carrega alto grau de historicidade e subjetividade. Assim, sobre um mesmo assunto ou uma mesma problemática existem, e devem existir, teorias divergentes e até antagônicas, dependendo das concepções que as embasam.

Muito mais importante do que a criação de uma ciência específica para a superação da dicotomia teoria-prática na Educação Física, seria imprescindível compreender sua esfera de atuação, hoje demasiadamente ampla e confusa, em cada uma de suas especificidades.

Esse projeto está ligado a um dos campos de atuação profissional da Educação Física, entendida em sentido amplo – o lazer. Tradicionalmente, o profissional de educação física vem trabalhando ou prestando serviços nessa área desde o início do século (BRAMANTE, 2005). No Brasil, a inclusão da disciplina no currículo de Educação Física dá-se em 1962. E as primeiras pesquisas na área começam a ser produzidas, de modo mais efetivo, somente a partir da década de 1980 (MARCELLINO, 1992). Portanto, existe um descompasso entre ação, ensino e pesquisa, favorecendo a “prática” sem embasamento.

No entanto, uma teoria do lazer, desconhecida da grande maioria dos profissionais que atuam na área, vem sendo formulada desde a filosofia clássica e ganha impulso com a criação e desenvolvimento das Ciências Humanas, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, e ela tem recebido contribuições constantes da Sociologia, Antropologia, Arquitetura/Urbanismo, Comunicações etc.

As relações com a área/núcleo do curso de mestrado em Educação Física, da Facis-Unimep, e com a linha de pesquisa “Corporeidade e Lazer” são estabelecidas a partir da Motricidade Humana, enquanto área de conhecimento multidisciplinar que busca os sentidos educacional e pedagógico (aqui entendidos de forma ampla) nas atividades motoras, enquanto manifestações de lazer, e os aspectos a elas relacionados. A corporeidade é vista em sentido amplo, entendendo o ser humano como ser uno, contextualizado em sua história e cultura, situado na sociedade e na cultura, ao longo da história (historicamente situado). Assim, o lazer também é entendido como manifestação humana, componente da cultura, e está relacionado à corporeidade, quer por seus conteúdos culturais, por seu duplo aspecto educativo, ou pelo ponto de vista dos valores.

Desta forma, esta dissertação procura contribuir numa dupla frente, uma vez que:

1. por desconhecer a teoria do lazer, o profissional de Educação Física que atua nessa área, além de confundir a prática do lazer com a prática profissional que ele requer, não estabelece uma prática, mas um “tarefismo”. Isso pode ser verificado nas aulas de graduação de muitos cursos superiores e nos “manuais” de recreação e lazer;

2. a teoria do lazer, sobretudo embasada em autores clássicos, é imprescindível para fundamentar projetos específicos de investigação que relacionem modalidades esportivas ligadas ao componente lúdico da cultura, as relações entre o lazer e as demais esferas da vida social.

O objetivo do trabalho é analisar as contribuições de Adorno aos estudos do lazer a partir das relações entre as “categorias” indústria cultural e tempo livre. Ao destacar e analisar a contribuição do autor para a formulação de uma possível “teoria do lazer”, busca-se contribuir para o embasamento teórico de projetos que estudem as relações entre lazer e cultura e lazer e sociedade, bem como projetos de ação na área.

O trabalho foi efetuado por meio de pesquisa bibliográfica (PARRA FILHO; SANTOS, 2002; RAMPAZZO, 2002; HUHNE, 2002; SANTOS, 1999; ECO, 1977).

Entendemos que a pesquisa bibliográfica em nada compromete as possibilidades de originalidade dos resultados (SANTOS, 1999), e em seu desenvolvimento estaremos atentos aos cuidados recomendados por ECO (1977).

O levantamento bibliográfico foi efetuado no Sistema de Bibliotecas da Unimep e Unicamp, em ferramentas disponíveis na Internet, e no Banco de Dissertações e Teses, da Capes, este último, no período de 2005 a 2009. As palavras-chave utilizadas foram: lazer, cultura, indústria cultural, tempo livre e Adorno.

As obras selecionadas foram lidas e examinadas por análise textual, temática, interpretativa e crítica (SEVERINO, 1980).

A dissertação foi dividida em dois capítulos inter-relacionados:

- a) no primeiro – “Adorno, tempo livre e indústria cultural” – procura-se situar a obra de Adorno no contexto histórico da Escola de Frankfurt, destacando e analisando os conceitos de tempo livre e indústria cultural, à luz da teoria crítica;
- b) no segundo – “Lazer e cultura: algumas aproximações” – são destacadas e analisadas as relações entre os dois temas.

Nas considerações finais são enfatizadas as contribuições de Adorno para os estudos do lazer, que já vinham sendo efetuadas no decorrer do trabalho.

## I – Adorno: tempo livre e indústria cultural

Nesse primeiro capítulo contextualizaremos a obra de Adorno, como integrante da Escola de Frankfurt, e destacaremos e analisaremos os dois conceitos fundamentais para nosso trabalho: tempo livre e indústria cultural, à luz da teoria crítica.

### I. Situando a obra de Adorno

Na primeira metade da década de 1920, em Frankfurt, Alemanha, Felix Weil, um marxista judeu filho de milionário, funda o Instituto para Pesquisa Social (em alemão, *Institut für Sozialforschung*) (WIGGERSHAUS, 2002).

Trabalhando com pesquisas de caráter interdisciplinar, reunindo filosofia sociologia e política (ASSOUN, 1991), os vários pensadores que integravam o Instituto tinham Marx e Freud como principais referências e como principais indagações – tendo em vista seu contexto histórico inserido no período do comunismo totalitário e da ascensão do nazi-fascismo.

É a esse grupo de pensadores, que ao longo do século construíram uma “teoria crítica da sociedade”, de fundamental importância para o pensamento do século XX, que se direciona a nomenclatura “Escola de Frankfurt”. Adorno foi um dos nomes de mais destaque nesse grupo.

Segundo Assoun, a Escola de Frankfurt é uma etiqueta que possibilita marcar:

Um *acontecimento* (a criação do Instituto), um *projeto científico* (intitulado “filosofia social”), uma *atitude* (batizada de “teoria crítica”), enfim uma *corrente* ou movimentação teórica ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes). Sendo isso tudo, é mais do que isso: um fenômeno ideológico que produz curiosamente os seus próprios

critérios de identificação através do seu processo criador [...] (ASSOUN, 1991, p. 19).

A expressão “teoria crítica” foi utilizada pela primeira vez por Horkheimer em 1937, num artigo intitulado “Teoria tradicional e teoria crítica”, que escrevera para a revista do Instituto para Pesquisa Social. Segundo Adorno, o autor pretendia levar às pessoas uma “autoconsciência teórica” da relação humana com o materialismo reinante na época, marcando uma posição radical de Horkheimer em relação à economia política vigente (THERBORN, 1995).

Por teoria tradicional os frankfurtianos entendiam aquela baseada na ciência e na tecnologia como agentes de transformações sociais, trabalhando em favor da economia capitalista, que enaltecia a divisão do trabalho, a fragmentação da ciência, a reprodução mecanicista, na tentativa de explicar a sociedade de maneira funcional, baseada em dados e estatísticas. Os tradicionalistas acreditavam ainda na violência na luta de classes como solução para os problemas das desigualdades sociais. Os mais significativos representantes dos pensamentos “tradicionais” foram Marx, Kant, Hegel entre outros. Portanto:

A teoria tradicional considera o objeto um dado externo ao sujeito, e desta forma, deve investigar o espaço que o rodeia, dominar intelectualmente a realidade e procurar ordená-la sempre. Tal visão cartesiana, segundo Horkheimer, criou uma cisão entre o ser humano e a natureza, impossibilitando a convergência de ambos e induzindo-os ao conflito (HELOANI, 2003, p. 4).

A teoria crítica teria como objeto principal de estudo o ser humano e suas relações sociais na busca por uma sociedade sem exploração, livre de opressão e com autonomia de seus integrantes; um mundo mais humano. Considera o sujeito do conhecimento como um sujeito histórico que, inserido em processo também histórico, interage com seu objeto em uma relação orgânica (HELOANI, 2003).

A base de estudo dos frankfurtianos foram os pensamentos “tradicionais”, tanto que no princípio o grupo se autodenominava “Instituto para o Marxismo”, sendo Marx um dos maiores representantes da teoria “tradicional”; depois, desencantados com esta teoria pela falta de solução que apresentavam seus estudos, passaram a analisá-la severamente, confrontando-a com a realidade que estavam vivendo.

Para Heloani (2003), poderíamos dizer que a teoria crítica foi concebida e desenvolvida em três grandes momentos, sendo Horkheimer o primeiro destaque, pela principal influência no andamento dos trabalhos durante o período da Segunda Guerra Mundial, bem como à época da perseguição nazista. O segundo destaque ficaria para Adorno, quando assume a direção intelectual do Instituto para pesquisa social, introduzindo o tema da cultura e desenvolvimento em sua *teoria estética*, uma versão especial da teoria crítica. E, por fim, em um terceiro momento teríamos a liderança de Habermas que, pela discussão da crítica, buscava com sua *teoria da ação comunicativa* uma saída para os impasses criados por Horkheimer e Adorno, por meio da proposta de um novo paradigma: o da razão comunicativa.

Vários temas foram alvos de crítica e reflexão dos frankfurtianos. Dentre eles podemos destacar a ciência, a cultura, a técnica, o consumo, o distanciamento do homem de sua essência, bem como seu comportamento na nova sociedade que estava se consolidando e deixando a desejar em relação à autonomia de pensamento. Os autores filiados ao Instituto dirigiam seus estudos para essas vertentes e tentavam explicar o mundo e o que estava acontecendo com o sujeito social nele inserido.

Para Matos (2008), a teoria crítica via na realidade um desencantamento: em virtude das críticas e das verdades que obscuramente se escondiam na visão dos românticos, as pessoas não enxergavam o quanto eram enganadas por todo o sistema que as cercavam. Eram dominadas, castigadas e maltratadas. Foram afastadas de qualquer possibilidade de contato com a cultura pura e ingênua para aderirem à cultura da reprodução em série e da padronização.



Para os integrantes da Escola, o questionamento deveria pairar sobre todas as coisas, e tudo deveria ser analisado de forma crítica e reflexiva, principalmente em relação às questões advindas do capitalismo, que se baseavam no consumismo, na alienação e na imposição de uma nova ideologia, a capitalista, na qual o homem abria mão de sua individualidade e de sua felicidade em nome do progresso.

A teoria crítica da Escola de Frankfurt revela as transformações dos conceitos econômicos dominantes em seus opostos: a livre troca passa a ser aumento da desigualdade social; a economia livre transforma-se em monopólio; o trabalho produtivo, nas condições que sufocam a produção; a reprodução da vida social, na pauperização de nações inteiras. Assim, a crítica à razão torna-se a exigência revolucionária para o advento de uma sociedade racional, porque o mundo do homem, até hoje, não é “o mundo humano”, mas “o mundo do capital (MATOS, 2008, p. 9).

Os intelectuais frankfurtianos demonstravam todas as suas frustrações diante do mundo moderno, que era desenhado por uma burguesia dominante, dona dos capitais e que introduziam na sociedade sua filosofia de lucro, promovendo uma constante alienação do homem. Os trabalhos dos teóricos críticos defendiam suas convicções sobre a liberdade de pensamento, o indivíduo autônomo e o homem como principal instrumento de mudança, bem como a cultura, considerada pelos autores a quintessência dos direitos humanos. Cultura, para eles, era pensamento e reflexão, e pensar era o contrário de obedecer. Em muitos momentos, demonstravam em seus estudos que esse tipo de indivíduo jamais existiria novamente na sociedade moderna, uma vez que o sujeito pensante estava desaparecendo.

Portanto, a teoria crítica caracterizava-se pela crítica que seus autores manifestavam em relação à “razão” como molde para a nova sociedade. Os autores buscavam soluções práticas para os problemas sociais, o que consideravam uma deficiência nos estudos dos teóricos “tradicionais” que

fixavam a teoria, mas não buscavam a prática. Os frankfurtianos defendiam a liberdade de pensamento, a reflexão e a autonomia dos homens como fuga da realidade capitalista.

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em 1903, em Frankfurt, e conviveu num ambiente cercado pela cultura, sobretudo pela música. Quando jovem, conheceu Horkheimer. Vinculou-se mais diretamente ao Instituto para a pesquisa social em 1938. Exilado nos Estados Unidos, de 1933 a 1937, em virtude da guerra, aproxima-se ainda mais de Horkheimer. Com o fim da guerra, volta a Frankfurt, tornando-se diretor adjunto do Instituto e seu co-diretor. Com a aposentadoria de Horkheimer, Adorno torna-se o novo diretor. Faleceu em 1969, quando a publicação de suas obras completas estava sendo iniciada (MATOS, 2008, p. 75-76).

Suas principais obras foram:

**1933** – *Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen* [Kierkegaard, a construção da estética];

**1947** – *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente* [A dialética do esclarecimento. Filosofia em fragmento], com Max Horkheimer;

**1949** – *Philosophie der neuen Musik* [A filosofia da nova música];

**1950** – *The Authoritarian Personality* [A personalidade autoritária], juntamente com E. Frenkel-Brunswik, D. J. Levinson e R. N. Sanford;

**1951** – *Minima Moralia*. [Mínima morália];

**1956** – *Zur Metakritik der Erkenntnistheorie* [Sobre a metacrítica da teoria do conhecimento];

**1967** – *Negative Dialektik* [Dialética negativa];

1969 – *Stichworte. Kritische Modelle* [Palavras e sinais];

1970 – *Ästhetische Theorie* [Teoria estética]; e

1971 – *Soziologische Schriften* [Escritos sociológicos].

## 2. Adorno e a indústria cultural

O termo “indústria cultural” foi utilizado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer, em 1947, na obra *Dialética do esclarecimento* (1985). No texto intitulado “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, os autores analisaram criticamente o novo sistema social que estava surgindo, a sociedade do consumo, em virtude da grande valorização da técnica e da ciência em favor da produção em série, da extrema especialização e da padronização dos bens culturais liderados pelos meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema e a publicidade em geral.

Para analisar esse texto é preciso ter em vista o ponto principal de *Dialética do esclarecimento*. Em busca de uma resposta ao porquê de a humanidade manifestar cada vez mais sintomas de barbárie, Horkheimer e Adorno elaboram uma crítica à racionalização, que teria libertado o homem dos poderes míticos da natureza, por meio da filosofia e da ciência, culminando numa sociedade dita esclarecida. Os autores chegam à conclusão de que essa sociedade não é de fato esclarecida. A ciência teria gerado, cada vez mais, a tecnologia, que, por sua vez, seria responsável por uma dominação inconsciente do homem (NASCIMENTO; MARCELLINO, 2010).

Para Adorno e Horkheimer, essa sociedade é ainda mítica, porém o mito está recalçado, excluído inconscientemente. O que querem dizer é que a tecnologia cria o mito do progresso, pelo qual o homem acredita que domina a natureza. Porém, esse progresso acarreta problemas que ele não consegue resolver. Seria um comportamento autodestrutivo. A sociedade do progresso tecnológico

domina o homem inconscientemente, e essa dominação gera uma barbárie não controlada (NASCIMENTO; MARCELLINO, 2010).

O termo *indústria cultural* denuncia a cultura, o que antes seria arte e agora seria técnica, sendo produzida no nível comercial e autoritário, como forma de adaptar as mercadorias às massas, bem como as massas às mercadorias.

A ideologia da *indústria cultural* seria a dominação por meio da disseminação de produtos padronizados, destinados ao consumo das massas, como se tivessem que satisfazer necessidades iguais. Essa padronização, aceita sem resistência, culminaria na falta de autonomia dos indivíduos e em sua dominação inconsciente.

Adorno e Horkheimer acreditavam que a cultura não era mais produzida pelas e nem para as massas (população em geral), suprimindo suas necessidades; era, sim, uma “cultura” baseada nos interesses capitalistas com fins unicamente lucrativos de uma minoria que detinha economicamente o poder. Assim, a cultura passou a ser planejada e estrategicamente manipulada como forma de dominar a população em favor do mercado de consumo que estava se tornando a nova economia do mundo, em que tudo se transformava em produto à disposição de quem quisesse e pudesse comprar.

Nesse cenário as pessoas passaram a ser meros coadjuvantes, e o papel principal ficou por conta da indústria cultural. Assumiam esses papéis secundários os trabalhadores, ao mesmo tempo consumidores de um sistema subjetivo e sem sentido para eles, no qual apenas representavam seus papéis passivamente, sem manifestar qualquer reação crítica ou reflexiva.

A indústria cultural manipulava a vida das pessoas, ditava o ritmo que elas deveriam seguir no trabalho, na família e no lazer. Em favor de seu crescimento econômico, trabalhava em prol do consumo exacerbado, instigando nas pessoas o desejo de compra, criando as necessidades e os consumidores. Assim, criava padrões de forma generalizada, sem pensar nas

necessidades individuais de cada um, e produtos iguais eram produzidos para todos. Sobre esses aspectos, os autores argumentam que:

O fato de que milhões de pessoas participavam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência (ADORNO e HOKHEIMER, 1985, p. 100).

As pessoas não tinham como fugir da indústria cultural, pois todos eram obrigados a passar por ela, e seu domínio tornou-se imperioso, pois ela sabia exatamente onde agir: na fraqueza da sociedade. Os detentores do poder utilizavam como base a alienação, e a sociedade era alienada de si mesma; a produção em série e a padronização dos bens culturais tiraram qualquer sentido humano das obras, restando apenas a frieza da igualdade. Qualquer sentimento de reflexão era extinto. A racionalidade técnica passou a ser a racionalidade da própria dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), que não se preocupava com o sujeito enquanto ser dotado de sentimentos e vontades e, sim, como um mero integrante do mercado consumidor.

As pessoas não tinham, portanto, autonomia; os donos dos capitais queriam exatamente isso, que todos fossem dependentes de seu sistema. Nada nem ninguém lhes escaparia, e pelo rádio e cinema disseminavam sua ideologia baseada no consumo. Assim, para os autores, tanto o rádio como o cinema deixaram de ser arte para tornarem-se também indústrias.

Através do rádio todos se tornavam ouvintes de programas de baixa qualidade, sempre iguais e cheios de propagandas. As mesmas vozes e músicas eram ouvidas diariamente; nada de novo surgia, pois para a indústria o novo era um

risco que não se deveria correr. Os programas oferecidos às pessoas eram geralmente de fácil entendimento e sobre assuntos corriqueiros, para que todos indistintamente pudessem participar e assimilar sem resistência. Colocar a palavra humana como algo absoluto, como um falso imperativo, é a tendência imanente do rádio. A recomendação transforma-se em comando (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A ideologia difundida pelo rádio passava a ser verdade absoluta; as pessoas se comportavam como ele mandava e consumiam os produtos divulgados por ele. Adorno e Horkheimer (1985) acrescentam ainda que o rádio integrou todos os produtos culturais na esfera das mercadorias.

Já o cinema, com seus filmes clássicos que recorriam sempre ao mesmo enredo e o mocinho sempre se dava bem no final, levava as pessoas a acreditarem na possibilidade de uma vida melhor. Ao assistir um filme as pessoas fugiam momentaneamente de suas vidas medíocres e se colocavam no lugar dos personagens, e no final da sessão iam para casa sonhando com uma vida que não podiam ter.

Quanto mais perfeita a técnica cinematográfica se tornava, mais ela se inseria na vida dos sujeitos de maneira subjetiva; as pessoas confundiam a realidade com a vida fictícia, tornando-se essa um prolongamento do cotidiano. As cenas passavam tão rapidamente diante dos olhos do telespectador que ele não tinha tempo para analisar o que estava assistindo; o filme não deixava mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual pudessem, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Para os autores, era assim que o filme adestrava o espectador que logo tratava de identificar algo de sua realidade no que estava assistindo.

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtores e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro, paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que

sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos. O esforço, contudo, está tão profundamente inculcado que não precisa ser atualizado em cada caso para recalcar a imaginação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

Sem imaginação, sem autonomia, o homem deixou de ser sujeito e passou a ser objeto, fácil de ser manipulado e alienado. Isso ocorria em todos os aspectos de sua vida, até mesmo no trabalho e fora dele. No trabalho, era alienado pela falta de sentido naquilo que produzia, já que muitas vezes trabalhava em lugares de que não gostava, mas era obrigado, fosse por motivos financeiros ou sociais.

E durante seu divertimento as atividades desenvolvidas em geral também eram desprovidas de sentido, o que perpetuava ainda mais a alienação. No período de descanso os trabalhadores não deviam se preocupar ou pensar muito; sua função era basicamente se distrair para voltarem ao trabalho mais felizes e produtivos.

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se

congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

Toda atividade que pudesse exigir algum esforço intelectual do indivíduo era logo descartada; sua mente deveria ficar focada no que era importante para o capitalismo e não para ele. Pensar demais poderia despertar algum sentimento de autonomia e não era isso que a indústria cultural pretendia deixar acontecer. Assim, ela preparava tudo perfeitamente para que ninguém pudesse questioná-la. Desde cedo as crianças já aprendiam pelos desenhos animados a suportar as dores da vida adulta: o personagem principal apanhava durante todo o episódio para no final conseguir algo de bom. Assim, entendiam que deveriam sofrer durante a maior parte de sua vida para serem recompensadas em algum momento. O sofrimento fazia parte do contexto em que estavam inseridas.

Sarcasticamente, a indústria cultural ainda era mentirosa: o que prometia – algum tipo de prazer –, em geral não cumpria. A indústria cultural não sublima, reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Um sentimento de vazio pairava sobre as pessoas que nunca alcançavam aquilo que desejavam. Para Adorno e Horkheimer, a frustração fazia com que elas mergulhassem ainda mais no consumismo, em busca de novos falsos prazeres, estragados pela indústria com seu tino comercial, que não se preocupava com a qualidade do que oferecia, mas com a facilidade de sua aceitação.

Nem mesmo a arte foi poupada dessa barbárie: sua reprodução em massa deixou de caracterizá-la como algo único; sua essência foi deturpada. Ela foi sendo adaptada aos padrões comerciais e abandonando sua fascinante



singularidade. Ocorreu uma distorção da arte e, para os autores, o homem, ainda que pudesse, não seria capaz de reconhecer e contemplar sua beleza, já que as obras tinham se tornado incompreendidas em virtude de seu caráter comercial. E mais grave que a banalização da arte foi a provocação da incapacidade do ser humano de sentir e admirar. Para Adorno (2008), não há como salvar a arte com a extinção do sujeito. A arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe conferem o encanto da novidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Ela se tornou acessível a todos, porém caiu nos braços da degradação dos bens culturais.

Nada escapava aos olhos da indústria cultural. Todas as coisas se transformavam aos poucos em mercadoria, inclusive o homem. O ser pensante e autônomo estava extinto. Cada um dos progressos conquistados pela indústria cultural se fez à custa da individualidade do sujeito e deste nada sobrou senão a decisão de perseguir apenas os fins lucrativos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Sua identidade fundia-se com todo o sistema capitalista. A ideia de indivíduo era ilusória e sua felicidade baseava-se no poder econômico, na aquisição de bens. A indústria atacava direto na alma, tornando o homem cada vez mais indiferente aos outros e a si mesmo.

Sob o monopólio privado da cultura, “a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 110).

O capitalismo abraçava aqueles que o serviam e o aceitavam sem resistência. Para eles o mercado estava sempre de portas abertas, mas para os que não se conformavam as portas eram fechadas e até mesmo as relações sociais

ficavam comprometidas; eram excluídos de todo o sistema em que viviam e por isso tinham sua insuficiência facilmente comprovada.

A produção capitalista mantinha todos bem presos de corpo e alma; ninguém mais conseguia viver sem ela, nada devia ficar como era, tudo estava em constante movimento, pois só a vitória universal do ritmo da produção e da reprodução mecânica garantia que nada mudasse, que nada surgisse sem se adaptar rapidamente (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A receita estava dando certo; nada precisava mudar. Bastava seguir os padrões já estipulados para manter a ordem.

Apesar de viverem na mesmice, as pessoas acreditavam ter possibilidades de escolha. Eram-lhe oferecidas certas liberdades para que tivessem a ideia de poder optar: vários produtos para uma mesma finalidade eram apresentados, porém a origem era a mesma; não se estava fugindo ou indo contra, mas simplesmente fazendo exatamente o esperado: consumir. Todos eram padronizados e classificados em determinados grupos. Pensava-se em diferenças, mas elas eram muito mais artificiais; praticamente não existiam. Tudo era ilusório e a publicidade, aliada à indústria, gabava-se desse feito. A indústria cultural e a publicidade fundiam-se, tornavam-se cada vez mais poderosas e os motivos eram marcadamente econômicos. Em uma, a repetição mecânica do mesmo produto cultural, e na outra, a repetição do mesmo *slogan* propagandístico (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Nesse sentido, a publicidade tinha por função orientar o comprador pelo mercado. Ela facilitava a escolha e possibilitava ao fornecedor desconhecido e mais produtivo colocar sua marca no mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), ficando este serviço restrito a quem pudesse pagar taxas exorbitantes cobradas pelas agências publicitárias, o que mantinha as grandes empresas sempre em destaque, não dando oportunidade aos pequenos empresários.

A vida no capitalismo tardio era um contínuo rito de iniciação, em que, segundo os autores, todos tinham que mostrar que se identificavam integralmente com o

poder de quem não cessavam de receber pancadas. A felicidade não chegava para todos, mas para quem tinha a sorte de encontrá-la.

As pessoas aceitavam tudo que lhes era imposto mecanicamente, aceitavam o que era sempre igual; a personalidade foi deixada de lado e, por isso, a falta de estilo marcou a sociedade da época. O homem se tornou um ser genérico. A ideologia difundida pela indústria cultural era superficial, baseada unicamente no lucro. A cultura não era mais democrática, mas organizada de cima para baixo na pirâmide social, visando ao interesse de poucos. No regime capitalista, a diversão, os grandes espetáculos, a música, o cinema, o teatro se tornaram mercadorias; trocava-se a experiência de se emocionar ao assistir um espetáculo ao vivo pela reprodução mecânica no rádio ou no cinema. A indústria cultural inseria nas pessoas um estilo de vida baseado na produção e no consumo, o que facilitava sua dominação sobre as massas, prevalecendo a questão técnica como dominação. Alienada, a sociedade nem se dava conta do que estava acontecendo. Os indivíduos não percebiam que aos poucos estavam se tornando extintos. Os bens materiais dominavam o novo homem e a indiferença o mantinha neutralizado perante o mundo; havia-se perdido a noção humana – e a do capital passou a prevalecer.

Adorno e Horkheimer mantinham uma visão um tanto cética quanto ao mundo moderno, e não acreditavam na capacidade de mudança do homem. Ao afirmarem que o ser humano perdeu sua essência, sua autonomia e sua reflexão comprovam tal situação. Para eles, as pessoas tornaram-se apáticas diante da situação em que viviam; o homem perdeu seu lugar para a indústria que passava por cima de tudo e de todos em nome do progresso.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzido-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive, suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Segundo os autores, os indivíduos, na necessidade de momentos de lazer e fuga do trabalho, submetem-se aos produtos da indústria cultural que, por sua vez, prometendo essa fuga do trabalho, oferecem sempre atrações que reproduzem o cotidiano do trabalho como se fosse novidade. Falam de um lazer padronizado que, na verdade, converte as atividades de lazer em prolongamentos do trabalho. Assim, Adorno e Horkheimer diagnosticam a indústria cultural agindo nos momentos de lazer, reprimindo inconscientemente as liberdades individuais, padronizando e conformando as massas, condicionando-as ao mundo do trabalho.

*Prismas – crítica cultural e sociedade* é uma reunião de ensaios de Adorno (1998). São textos que abordam temáticas diferenciadas, sempre pautadas na crítica cultural, ou, sobretudo, na “crítica da crítica cultural”.

Mesmo que de forma fragmentada, é possível encontrar nesta obra como um todo vestígios do pensamento de Adorno sobre o lazer, este intrinsecamente ligado à sociedade no contexto criticado, ou, em outras palavras, com a sociedade capitalista industrializada. Dessa forma, para compreender o que Adorno diz sobre o lazer, é preciso saber o que ele afirma sobre a sociedade e a cultura.

Um ponto fundamental do pensamento de Adorno que merece importante destaque, para melhor compreensão de seus escritos, é sua crítica negativa à civilização surgida a partir do ideal de razão do iluminismo. Esta seria uma civilização de razão técnica, que subjuga e domina a natureza e o homem. Dentro dessa lógica, a cultura seria determinada em prol dessa dominação irracional sobre o homem, que implicaria barbárie.

Assim, em linhas gerais, podemos afirmar que, segundo Adorno, a sociedade é opressora, altamente competitiva – tendo em vista o mercado –, e repressora das liberdades individuais. Os indivíduos são “indivíduos massificados”, mesmo que inconscientemente. Esta é uma cultura de massa, mercantilizada como todas as esferas da vida humana, padronizada a toda a sociedade. Isso não significa que não existam diferenças e exceções, mas, sim, que há um padrão

estabelecido, ao qual dificilmente se oferece resistência. Pelo contrário, há tentativa total de adesão cada vez maior a esse padrão, e mesmo os poucos que oferecem resistência não podem esquivar-se totalmente das características da cultura e da sociedade das quais fazem parte.

Essa cultura de massa, produzida de forma mercantilizada, é o que Adorno chama de "indústria cultural". O lazer, em Adorno, encontra-se dentro da lógica da indústria cultural, bem como da dominação humana. Vejamos como ele se refere ao entretenimento.

Em um mundo onde a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de toda maneira o acesso das massas à experiência autêntica das formações espirituais, já não importam tanto os conteúdos ideológicos específicos, mas o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do segredo conhecido por todos. No contexto de seu efeito social, é talvez menos importante saber quais as doutrinas ideológicas específicas que um filme sugere aos seus espectadores do que o fato de que estes, ao voltar para casa, estão mais interessados nos nomes dos atores e em seus casos amorosos. Conceitos vulgares como "entretenimento" são muito mais adequados do que considerações pretensiosas sobre o fato de um escritor ser representante da pequena burguesia e outro, da alta burguesia (ADORNO, 1998, p. 20-21).

Esse trecho, abordando o âmbito do entretenimento, ilustra a crítica de Adorno à indústria cultural enquanto formadora de cidadãos acríticos, conformados, submissos, o que ocorreria principalmente no âmbito político e social. Adorno diz que, ao assistir a um filme, o espectador é levado a se preocupar muito mais com o entretenimento, com os personagens e atores, do que com as características ideológicas transmitidas. Isso ocorreria porque o indivíduo está incluído numa sociedade na qual seu senso crítico

não tem importância, ou pior, está aprisionado. O entretenimento seria, então, uma forma de extensão da dominação (aqui de forma inconsciente) até mesmo no tempo livre, nos momentos de lazer, atuando no sentido de desviar o pensamento e a atenção do indivíduo.

Ao se referir ao esporte, ele argumenta que:

o esporte moderno pretende restituir ao corpo uma parte das funções que lhe foram retiradas pelas máquinas. Mas o esporte pretende treinar os homens da maneira mais impiedosa possível, para colocá-los a serviço das máquinas. Ele acaba por assimilar o próprio corpo à máquina. O esporte pertence, por isso, ao reino da ausência de liberdade, onde quer que seja organizado (ADORNO, 1998, p. 76).

A crítica de Adorno ao esporte, “onde quer que seja organizado”, segundo seus próprios termos, está pautada na ideia de que a prática esportiva “combina o momento da crueldade e da agressão com os conteúdos disciplinadores e autoritários” (o que teria sido modelo para as “manifestações de massa dos Estados totalitários”) (1998, p. 76).

O esporte seria, então, mais um exemplo de que, na “lógica irracional” da sociedade (principalmente após a Segunda Guerra Mundial, que teria sido a expressão máxima da irracionalidade da dominação na sociedade capitalista industrial), a cultura, enquanto “indústria cultural”, é, em todos os seus âmbitos, instrumento de dominação.

Em outro texto, o autor reconhece a ambiguidade do esporte:

seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e

do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (ADORNO, 1995a, p. 127).

Examinando as questões colocadas pela indústria cultural, a partir das ideias de Adorno, Costa et al. constatam que nela

tudo se transforma em artigo de consumo, e que no mercado a arte, a música, o cinema, o rádio, tudo pode ser comprado como uma mercadoria, transformando a cultura em algo negativo. Para Adorno, a indústria cultural não é democrática, ela se submeteu à dominação da técnica que é usada pelos meios de comunicação de forma original e criativa que impede o homem de pensar de forma crítica, de imaginar, adestrando consciências, que fazem com que o que é transformado para efeitos comerciais seja convertido como um entretenimento para todos (2003, p. 21-22).

De acordo com Duarte,

não se trata de cultura feita pela massa para o seu próprio consumo, mas de um ramo de atividade econômica, industrialmente organizado nos padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo (2003, p. 50).

E aduz:

Assim, é preciso entendê-la como “um negócio que tem seu sucesso condicionado a empréstimos e fusões da cultura, da arte e da distração, subordinando-se

totalmente às já mencionadas finalidades de lucro e de obtenção de conformidade ao *status quo*” (Ibid., p. 59).

Rudiger, por sua vez, coloca que Adorno passa ser objeto de crítica “por jamais ter explorado a hipótese de que a indústria cultural eventualmente pode ensejar o surgimento de esquemas emancipatórios” (1999, p. 181).

### 3. Adorno e o tempo livre

*Tempo livre* é um texto de 1969, publicado em português em *Palavras e sinais* (1995), no qual o autor se posicionava criticamente sobre temas da “atualidade”, como o progresso e suas consequências sociais, o papel do professor e os tabus que pairam sobre esta profissão.

Iniciando pela diferenciação dos termos, Adorno destaca que o termo *ócio* é anterior a *tempo livre*. *Ócio* seria “o privilégio de uma vida folgada” (p. 70), enquanto que a expressão *tempo livre* indicaria a existência de *um tempo não-livre*, o trabalho, do qual se distinguiria numa divisão do tempo entre uma parcela de *liberdade* e outra de *não-liberdade*. Assim, ele afirma que “o tempo livre é acorrentado ao seu oposto” e “dependerá da situação geral da sociedade” (1995b, p. 70). Isso porque essa divisão do tempo subjugaria, quase totalmente, o *tempo livre* ao tempo de trabalho.

Para analisar o tempo livre e o que as pessoas faziam com ele, Adorno voltou-se, mais uma vez, para a questão da “indústria cultural”, que passou a coordenar o tempo disponível da população baseado em um caráter mercadológico e manipulador. O autor acreditava que nada de produtivo era desenvolvido no tempo livre, porque as pessoas não tinham autonomia suficiente para serem livres nas escolhas do que gostariam de fazer.

Para Adorno, o tempo livre era aquele longe das obrigações do trabalho, mas acrescentava que este era acorrentado a seu oposto; um não existiria sem o outro e em ambos os indivíduos não agiam de forma consciente.



Assim, para analisar o tempo livre era preciso levar em consideração a realidade em que a sociedade estava vivendo com o acúmulo de capitais, o aumento da produção e, conseqüentemente, as horas de trabalho e a falta de personalidade das pessoas como forma de se integrarem socialmente.

Para Adorno, as pessoas só se adaptavam ao sistema capitalista desenvolvendo papéis que lhes eram impostos pela sociedade, ou seja, não faziam o que gostavam, mas o que lhes cabia fazer. Sobre isso o autor diz:

Até mesmo aquelas sociologias conciliadoras que utilizam o conceito de papéis como chave reconhecem isso, enquanto, como o sugere esse conceito de papéis tomado do teatro, a existência que a sociedade impõe às pessoas não se identifica com o que as pessoas são ou poderiam ser em si mesmas. Decerto, não se pode traçar uma divisão tão simples entre as pessoas em si e seus assim chamados papéis sociais. Estes penetram profundamente nas próprias características das pessoas, em sua constituição íntima. Numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isto pesa muito sobre a questão do tempo livre (ADORNO, 1995b, p. 70).

Para poder cumprir seus papéis, o sujeito abria mão de sua felicidade e aceitava passivamente o que era imposto. Diante disso Adorno indagava: “que ocorre [com o sujeito] com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” (ADORNO, 1995b, p. 71). Em nome do progresso, as pessoas abriram mão de sua essência, exercendo mecanicamente seus papéis, tornando-se, portanto, alienadas em seu tempo de trabalho. Em contrapartida, com o avanço tecnológico surgiram mecanismos para suprir a mão-de-obra humana; máquinas que produziam mais e num tempo menor passavam a ocupar espaço nas fábricas, acarretando um aumento do tempo

livre. Porém, para Adorno (1995b), sob essas condições, o tempo livre servia apenas como forma de prolongar a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não liberdade em si mesma.

O tempo livre tornou-se um problema, não para a indústria que lucrava com ele, mas para a população que, na maioria das vezes, não sabia o que fazer com seu tempo longe do trabalho, já que para se ajustarem socialmente deveriam estar sempre desenvolvendo algum tipo de atividade – não fazer nada era condenado pela sociedade. Segundo Adorno, eis aí o motivo de tantas imbecilidades que surgiam no tempo livre.

Um exemplo dessas atividades apontadas por Adorno eram os *hobbies*, ocupações que serviam apenas para matar o tempo e que todas as pessoas deveriam ter, fossem eles significativos ou não para elas. Assim:

Na naturalidade da pergunta sobre qual “hobby” se tem está subentendido que se deve ter um, porventura, também já escolhido de acordo com a oferta do negócio do tempo livre. Liberdade organizada é coercitiva: Ai de ti se não tens um “hobby”, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e caís em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre. Tal coação não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional (ADORNO, 1995b, p. 74).

E para facilitar a “escolha” das pessoas, as atividades foram organizadas em função do lucro. Dentre elas Adorno destacava o turismo e o *camping*. Segundo ele, para acampar era preciso possuir alguns itens indispensáveis, como barracas e outros utensílios fornecidos pela indústria como artigos de compra; se antes os jovens acampavam pelo simples prazer de estar fora de casa, agora a própria necessidade de liberdade era funcionalizada e reproduzida pelo comércio, o que eles queriam era-lhes mais uma vez imposto (ADORNO, 1995b). Assim como todo o processo da indústria cultural, no

tempo livre não era diferente: as necessidades dos consumidores eram já de antemão providenciadas, o que facilitava o consumo. No turismo, as propagandas de lugares e roteiros de viagens fascinavam as pessoas, que durante suas férias do trabalho tratavam logo de arranjar algum lugar para ir. E quando isso não acontecia, seu grupo social já estava à sua espera para reprimi-las ou culpá-las.

A burguesia acreditava que o tempo livre servia apenas para que o trabalhador pudesse recuperar suas forças, voltando revigorado ao trabalho, sendo o tempo longe do trabalho apenas um apêndice dele. Adorno comenta:

Aqui nos deparamos com um esquema de conduta do caráter burguês. Por um lado, deve-se estar concentrado no trabalho, não se distrair, não cometer disparates; sobre essa base, repousou outrora o trabalho assalariado, e suas normas foram interiorizadas. Por outro lado, deve o tempo livre, provavelmente para que depois se possa trabalhar melhor, não lembrar em nada o trabalho. Esta é a razão da imbecilidade de muitas ocupações do tempo livre. Por baixo do pano, porém, são introduzidas, de contrabando, formas de comportamento próprias do trabalho, o qual não dá folga às pessoas (ADORNO, 1995b, p. 73).

Esta atenção também era cobrada das crianças, fosse na escola ou em casa. Elas não deveriam se esforçar demais no tempo livre, um cuidado que os pais tinham para talvez reprimir alguma tendência de rebeldia de espírito advinda do prazer, incompatível com a divisão racional da existência (ADORNO, 1995b). Com isso os pais e a indústria garantiam a alienação dos futuros adultos diante de sua realidade capitalista.

Apesar do esforço da indústria cultural para manter perfeitamente a ordem das coisas, para que ninguém precisasse se preocupar com nada, ela não conseguiu eliminar das pessoas o sentimento de tédio que pairava sobre todos aqueles cujas atividades desenvolvidas não lhes traziam qualquer sentido e

pareciam sempre iguais; não encontravam satisfação no que faziam e a busca do novo era incessante. O tédio passou a existir em função da vida sob a coação e a rigorosa divisão do trabalho. Isso não precisaria ocorrer, uma vez que, sempre que a conduta no tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres, é difícil que se instale o tédio (ADORNO, 1995b).

E um dos motivos da falta de autonomia das pessoas foi o atrofiamento da fantasia e da imaginação causado pelo sistema dominante da época, que tratava de podar desde cedo qualquer manifestação de criatividade, deixando as pessoas desamparadas em seu tempo livre. Portanto, seria importuno e insensato esperar ou exigir que as pessoas realizassem algo produtivo em seu tempo livre; na melhor das hipóteses, aquilo que faziam nem era muito melhor que o *hobby*; o que produziam tinha sempre algo de supérfluo. (ADORNO, 1995b).

Adorno ainda fez menção às pseudoatividades, assim denominadas por ele: um tipo de comportamento que surgia na sociedade da época, em que se veiculava o lema *Do it yourself* [faça você mesmo] – atividades que a indústria encorajava as pessoas a fazerem, caracterizadas geralmente como trabalhos domésticos que outros poderiam fazer por elas. Adorno considerava as pseudoatividades uma espontaneidade mal orientada; porém não por acaso, e, sim, como forma ilusória de distrair as pessoas daquilo que era realmente importante.

O tempo livre estava em oposição ao trabalho e também ao sistema vigente, que afastava cada vez mais as pessoas de seus próprios sentimentos. Portanto, Adorno acreditava que o tempo só seria verdadeiramente livre quando os indivíduos conseguissem ser emancipados e conscientes de si mesmos. Diferentemente de suas obras anteriores, nas quais prevalecia o pessimismo, Adorno esboçou alguma esperança em relação às pessoas, a reserva que começavam a apresentar sobre o que a indústria lhes impunha. “Penso, porém, que se vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia,

enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre [*Freizeit*] se transforme em liberdade [*Freiheit*]. (ADORNO, 1995b, p. 82).

Assim, negando a validade do tempo dividido em duas metades, uma vinculada à outra, Adorno defende que o *tempo livre* deveria ser aquele que o indivíduo tem por *benefício*, e não por *privilégio*, para decidir, escolher e organizar segundo suas próprias vontades. Porém, segundo o autor, o “tempo livre produtivo só seria possível para pessoas emancipadas” (ADORNO, 1995b, p. 79), não àquelas subordinadas a essa realidade social que faria do tempo livre uma sombra do trabalho (NASCIMENTO; MARCELLINO, 2010).

Abordando estudos feitos sobre a chamada indústria cultural, Adorno conclui que as pessoas

aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, mas com um tipo de reserva, de forma semelhante à maneira como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro e pelo cinema. Talvez mais ainda: não se acredita inteiramente neles. É evidente que ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre. Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites resistir à apreensão [*Efassung*] total. (1995b, p. 81).

É nessa afirmação que Adorno encontra o que ele chama de uma “chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre [*Freizeit*] se transforme em liberdade [*Freiheit*]. (1995b, p. 82).

Examinando as questões relativas ao tempo livre em Adorno, Nascimento e Marcellino chamam a atenção para um fato interessante:

Utilizando-se de sua própria experiência como exemplo, Adorno buscou esclarecer a problemática exposta a partir

da forma como se ocupava em suas horas de trabalho e nas horas de não-trabalho, as quais não teriam grandes diferenças entre si. Isso ocorreria devido à não existência de estrita oposição entre as atividades de sua profissão e as atividades de seu tempo livre – um benefício por ter tido a oportunidade de escolher e organizar seu trabalho de acordo com as suas próprias intenções. Para Adorno, o tempo livre como benefício efetivo, e não privilégio, de todos, caso um dia viesse a ocorrer, seria equivalente ao que observou em si mesmo (2010, p. 15).

Nas considerações finais do artigo, os mesmos autores ressaltam:

a importância das considerações de Adorno sobre o tempo livre, na medida em que defendia um tempo verdadeiramente livre um benefício de todos, e não mero privilégio. É no tempo livre, verdadeiramente livre – que vê como ideal –, que Adorno encontra a possibilidade de liberdade. Mas para isso seria necessário pessoas aptas a defender e reconhecer seus verdadeiros interesses e vontades. Pessoas emancipadas. Enquanto a consciência das pessoas não é totalmente apreendida, Adorno vê esperança. Seu tempo livre ideal deve ser uma luta atual, para que assim possamos visualizar perspectivas de liberdade (NASCIMENTO; MARCELLINO, 2010, p. 18).

Farias (2001) reconhece a ambiguidade do tempo livre, destacada por Adorno, vindo assim a se constituir em mais um espaço para manifestação do capitalismo tardio, mas conservando utopicamente um caráter libertador, que possibilitaria a promoção da autorreflexão crítica e emancipatória.

Destacados e analisados os principais conceitos abordados por Adorno, para a finalidade do nosso trabalho, no próximo capítulo examinaremos algumas das relações que podem ser estabelecidas entre lazer e cultura, vistas de uma perspectiva ampla e não restrita a um único conteúdo cultural.

## II. Lazer e cultura: algumas aproximações

A abordagem do tema “lazer e cultura” tem gerado uma série de polêmicas, em muitos casos provocadas pela falta de consenso quanto aos conceitos envolvidos. Para evitar dificuldades de entendimento, devemos destacar pelo menos três tópicos.

O *primeiro tópico* são as várias formas de entendimento dos dois termos, que se verificam entre nós.

Quanto à cultura, o que se percebe no senso comum, e mesmo na ação de órgãos, quer do setor público, quer do privado, é uma restrição às artes, espetáculos e à leitura. O entendimento e a ação dão-se, portanto, de uma maneira restrita.

A noção de cultura deve ser entendida em sentido amplo, consistindo, como conceitua a antropóloga Carmem Cinira Macedo, “[...] num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (apud VALLE, 1982, p. 35). Implica, assim, o reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, dessa forma, não pode ficar restrita ao “produto” da atividade humana, mas tem que considerar o “processo dessa produção”, “o modo como esse produto é socialmente elaborado” (Ibid.).

Quanto ao lazer, o entendimento também é polêmico, principalmente quando se verificam análises que contrapõem situações ideais de lazer a outras esferas de atividades humanas consideradas concretamente, ou vice-versa.

Na consideração do lazer, Marcellino (2007) leva em conta os seguintes pontos:

1. cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida) no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude. Vejam estou dizendo do concreto da sociedade urbano-industrial – como é, e não do devir – como deveria ser; [...]
2. o lazer gerado historicamente e dele fazendo emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre ele também sendo exercidas influências da estrutura social vigente; [...]
3. um tempo que pode ser privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente; [...]
4. portador de um duplo processo educativo (DUMAZEDIER, 1979, 1973), veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social. (MARCELLINO, 2007).

O lazer é entendido, portanto, como a cultura, tomada em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. O caráter “desinteressado” dessa vivência é fundamental como traço definidor. Ou seja, não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2010).

Em termos de conteúdo do lazer, a classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os sociais e os turísticos (DUMAZEDIER, 1980a).



O campo de domínio dos *interesses artísticos* é o imaginário – as imagens, emoções e sentimentos; seu conteúdo é estético e configura a beleza do encantamento. Abrange todas as manifestações artísticas.

Já nos *interesses intelectuais*, o que se busca é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. A ênfase é dada ao conhecimento vivido, experimentado. Exemplos disso são a participação em cursos e a leitura.

Por sua vez, as práticas esportivas, os passeios, a pesca, a ginástica e todas as atividades nas quais prevalece o movimento ou o exercício físico, incluindo as diversas modalidades esportivas, constituem o campo dos *interesses físico-esportivos*.

O que delimita os *interesses manuais* é a capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais – por exemplo, o artesanato e a bricolagem – quer para lidar com a natureza, por exemplo, a jardinagem e o cuidado com os animais.

Quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face a face, a predominância deixa de ser cultural e passa a ser social, manifestando-se os *interesses sociais* no lazer. Exemplos específicos são os bailes, os bares e cafés, servindo de pontos de encontro, a frequência a associações etc.

Já o que caracteriza a satisfação dos *interesses turísticos* é a busca da quebra da rotina temporal ou espacial e o contato com novas situações, paisagens e culturas. Os passeios e as viagens constituem exemplos.

Tendo em vista os conteúdos do lazer, o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse. No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um

campo específico de interesses. E geralmente o fazem não por opção, mas por não terem tomado contato com outros conteúdos.

O modo parcial e restrito com que se vê a questão do lazer é um grande problema. Nunca é demais lembrar que a palavra “cultura”, com o significado restrito de artes e espetáculos, abarca uma série de manifestações que estariam incluídas no rol do lazer. Mais uma vez, trabalho e lazer se confundem. Para o escultor, sua atividade é trabalho; para quem frequenta uma mostra, é lazer. E o mesmo poderíamos dizer do ator, do pintor etc., apenas para ficarmos no terreno da arte. Há uma produção cultural profissional, que é trabalho, e uma produção “amadora”, assistencial, informativa, que se caracteriza como lazer. Dessa forma, o público faz lazer sem saber que está fazendo, o profissional trabalha com lazer, muitas vezes sem se dar conta disso, ou com vergonha de dizê-lo etc. Vamos ficar apenas num exemplo: o cinema. É cultura. Certo? Nunca deixará de sê-lo no total. Mas, parte dele, a produção cultural, deveria estar atrelada a uma política cultural. O cinema mesmo, ir até o filme, acontece no lazer das pessoas e, portanto, deveria estar incluído dentro de uma política de lazer. Construção e localização de salas, programação etc. são elementos de políticas de lazer, uma vez que o “trabalho cultural” é a realização do filme. O diretor de um cine-clube é um animador sociocultural, um trabalhador da área do lazer (MARCELLINO, 2007).

É importante ressaltar também que o entendimento do lazer não pode ser efetuado “em si mesmo”, mas como uma das esferas de ação humana historicamente situadas. Outras opções implicariam a colocação apenas parcial e abstrata das questões relativas ao lazer. É impossível, por exemplo, abordar as questões do lazer isoladamente das questões do trabalho.

O *segundo tópico* que destacamos é que, considerados dessa perspectiva, lazer, cultura, escola e processo educativo guardam relações estreitas entre si, segundo constatou Marcellino, quer esses elementos sejam considerados pares ou de maneira encadeada. Em outras palavras, partes que são de um

todo mais amplo – o plano cultural –, não é possível desconhecer as relações existentes entre eles (MARCELLINO, 2010).

Neste sentido, são fundamentais as políticas setoriais que considerem cada uma de suas especificidades, mas que sejam abordadas de maneira integrada.

Um *terceiro e último tópico* a abordar é a ocorrência entre nós, sobretudo, do antilazer, e não do lazer (MARCELLINO, 2010). É o lazer mercadoria. É o simples entretenimento e diversão, no sentido de distrair, de desviar a atenção; atividades de consumo exacerbado, apresentadas como ilusão de escolha e participação.

Considerados esses três tópicos, verificamos que vem imperando entre nós a visão “funcionalista” do lazer (MARCELLINO, 2010), que prega a importância da preservação da ordem estabelecida, sendo o lazer a válvula de escape dessa ordem social vigente.

Em suas várias nuances – romântica, compensatória, moralista e utilitarista –, a visão “funcionalista” do lazer não desconhece a relação lazer-cultura no plano cultural, mas privilegia a ação quase exclusiva no lazer, minimizando o papel da escola e do processo educativo, baseando seus argumentos no fracasso escolar, que estaria situado no âmbito da própria instituição escolar, considerada de modo isolado da sociedade na qual está inserida. Chega-se a propor até a “desescolarização”, numa sociedade em que grande parcela de seus integrantes sequer foi escolarizada.

Essa atitude contribui para reforçar ainda mais o caráter “funcionalista” do lazer, para a manutenção do *status quo*, uma vez que não leva em consideração o chamado “todo inibidor” para sua prática, ou seja, o conjunto de aspectos que, tendo como pano de fundo a situação socioeconômica, provocam as desigualdades quantitativas e qualitativas na apropriação do “tempo disponível” na luta pela sobrevivência.

Por outro lado, considerar apenas a educação e o processo educativo no plano cultural não significa desconhecer aquelas relações já colocadas com o lazer, mas privilegia-se muito o primeiro elemento – escola –, não raro adotando uma atitude apocalíptica com relação ao lazer, considerando-o apenas na perspectiva da classe dominante, como instrumento de manipulação das “massas”. Não se reconhece, assim, as características históricas do lazer, as circunstâncias em que está sendo gerado. Com isso se abre mais espaço para a concepção “funcionalista” do uso do tempo disponível, que já mobiliza consideráveis recursos institucionais, além da indústria cultural, exercendo o adestramento para o tipo de caráter social necessário ao não estabelecimento de mudanças.

Ao tratarmos dos estudos do lazer, devemos, de início, fazer uma distinção entre as abordagens direta e indireta. A abordagem indireta do lazer verifica-se em pelo menos duas situações: a *primeira*, quando o foco principal de análise é um de seus conteúdos culturais, ou seja, ao analisar as atividades artísticas ou as práticas físico-esportivas; por exemplo, os autores frequentemente abordam conteúdos ou situações de lazer; a *segunda*, quando o foco principal de análise é marcadamente caracterizado por componentes de obrigação, como as relações familiares, o trabalho escolar e, sobretudo, o profissional (MARCELLINO, 2010, p. 19-20). A abordagem direta do lazer verifica-se quando ele é focado com base em sua especificidade (MARCELLINO, 1995, p. 14).

O tratamento do lazer de forma não reducionista ou generalista deve considerá-lo não apenas como atividade, mas como manifestação humana, com determinadas características de tempo (“livre” ou “disponível”) e de atitude (possibilidade de adesão, prazer propiciado, condições de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social), de modo não isolado nessa ou naquela atividade, mas relacionado com as outras esferas de atuação humana (trabalho, escola, família etc.), em seus três gêneros (praticar, assistir, conhecer), em seus vários conteúdos (artístico, físico-esportivo, social, manual, intelectual e turístico), e em seus três níveis (elementar [caracterizado pelo

conformismo], médio [caracterizado pela criticidade], e superior [caracterizado pela criatividade]).

Embora reconhecendo a especificidade do lazer, não é possível considerá-lo em seu entendimento “em si mesmo”, ou de forma isolada, nessa ou naquela atividade (“especificidade abstrata”), mas como um componente da cultura historicamente situada (“especificidade concreta”).

O entendimento do lazer apenas em sua “especificidade abstrata” está ligado às concepções “funcionalistas”, em suas várias nuances (moralista, romântica, compensatória, utilitarista), contribuindo para reforçar ainda mais uma ação que colabora para a manutenção do *status quo*, uma vez que, entre outros aspectos, não leva em conta o contexto mais amplo e, assim, deixa de considerar para sua prática o que pode ser caracterizado como um “todo inibidor”: conjunto de aspectos que, tendo como pano de fundo a questão econômica, provocam as desigualdades quantitativas e qualitativas na apropriação do “tempo livre”.

A “especificidade concreta” do lazer, considerado em sua manifestação na sociedade atual, é colocada como reivindicação social. [...] O lazer é visto como fruto da sociedade urbano-industrial e, dialeticamente, incide sobre ela como gerador de novos valores que a contestam. Isso não quer dizer que o lúdico e o prazer não possam manifestar-se em outros “tempos”. Muito pelo contrário. O lazer é entendido como “especificidade concreta”, e, na sua especificidade, com possibilidades de gerar valores que ampliem o universo das manifestações do brinquedo, do jogo, da festa, da recreação, para além do próprio lazer. Em síntese, a consideração da “especificidade concreta” do lazer deverá levar em conta: o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos

educativos – educação para e pelo lazer –, as suas possibilidades como instrumento de mobilização e de participação cultural, e as barreiras socioculturais verificadas para o seu efetivo exercício, tanto intraclasses como interclasses sociais (faixa etária, gênero, estereótipos etc.) (MARCELLINO, 2006).

Os principais conceitos estudados neste capítulo serão cotejados com as contribuições de Adorno, analisadas no primeiro capítulo, e abordados a seguir, nas considerações finais deste trabalho.

## Considerações finais

A relação entre os dois capítulos que compõem esta dissertação leva-nos a concluir que Adorno traz importantes contribuições para os estudos do lazer, a partir do momento em que estabelece uma teoria crítica da cultura, e também por suas análises do aspecto “tempo” do lazer, conferindo destaque ao tempo livre.

Seus estudos podem ser situados, assim, entre as abordagens indiretas do lazer, a partir dos conteúdos culturais e das relações com as esferas das “obrigações” humanas.

Pode-se dizer também que Adorno, por meio de suas reflexões, contribui para o entendimento da “especificidade concreta do lazer”, em contrapartida às abordagens “abstratas”, uma vez que considera o tempo livre e a cultura inseridos historicamente.

Com relação aos conteúdos culturais do lazer, podemos considerar como ponto alto de sua contribuição a análise da difusão e criação da cultura, e suas relações com a chamada “indústria cultural”. Embora originalmente pessimista, a tendência, no decorrer da obra de Adorno, é o caminho para o otimismo diante das possibilidades “utópicas” do “tempo livre”.

Assim, suas contribuições são fundamentais para entendermos o lazer mercadoria (simples atividades colocadas no mercado de consumo, que não obedecem a outro critério senão o do lucro financeiro imediato). Por outro lado, chamam-nos a atenção para as possibilidades abertas pelo “tempo livre” a partir de uma perspectiva utópica.

A análise de Adorno sobre a indústria cultural, à luz da teoria crítica, representa um elemento eficaz para uma crítica à visão funcionalista do lazer, em suas várias nuances – romântica, compensatória, moralista e utilitarista. Por outro lado, suas considerações sobre o tempo livre podem ser importantes ao se considerar o papel dos animadores socioculturais, contribuindo para a elevação

de níveis no desenvolvimento do lazer dos indivíduos, passando de conformistas a críticos e criativos. Assim, a ação humana no lazer ocorreria não apenas no gênero da prática, mas também no da fruição e no do conhecimento.

Isso ganha maior importância enquanto projeto utópico, se considerarmos que as atividades de lazer, para serem “passivas” ou “ativas”, não dependem da prática, mas do nível em que são desenvolvidas, podendo reduzir, assim, os efeitos da “indústria cultural”.

Andrade não descarta o poder da propaganda e da mercadoria sobre os indivíduos, mas argumenta que eles “têm certo grau de autonomia sobre suas escolhas, apesar da grande e quase implacável influência da indústria cultural e do poder da propaganda” (2010, p. 34).

Outros autores, como Canclini, corroboram a necessidade de relativização dos efeitos da indústria cultural e do consumo:

Hoje, vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que a relação entre meios manipuladores e dóceis audiências. Sabe-se que um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem *mediadores* como a família, o bairro e o grupo de trabalho (CANCLINI, 2001, p. 75-76, grifo do autor).

Por outro lado, Vaz destaca que:

Desde o final dos anos oitenta do século passado, temos uma profusão de textos que falam sobre indústria cultural e lazer, esporte e mídia. Muitas interpretações se equivocam na estruturação de seu argumento central: ou



consideram a indústria cultural como uma força autônoma e demoníaca que absorve o esporte e o lazer, arrancando-lhes a suposta pureza original, ou equiparam-na com a mídia, em especial com a televisão, que é apenas uma de suas formas, sem dúvida importante (2006, p. 14).

Diante disso, o referido autor tenta desenvolver uma “hipótese de trabalho” segundo a qual “o lazer simplesmente não pode ser pensado fora dos esquemas da indústria cultural, dos ardis reificadores dos esquemas de dominação e produção de subserviência, de servidão voluntária; que o “tempo livre”, como paródia de si mesmo, é uma impossibilidade” (VAZ, 2006, p. 14). Considera que a indústria cultural é “o espírito privilegiado do nosso tempo”, e que o lazer “só pode ser entendido como uma de suas faces” (Ibid.). Para ele,

isso só pode ser afirmado porque não se trata de pensar o lazer como “apropriado” pela indústria cultural, mas como sua face privilegiada. A indústria cultural não subtrai ou deforma o lazer, mas o constitui em relação ao trabalho como *outra face* da moeda da dominação social (Ibid).

Alguns estudos estão utilizando as contribuições de Adorno para o entendimento das questões relacionadas aos conteúdos culturais do lazer. A título de exemplo, citamos os de Batista e Mezzaroba.

Ao analisar a questão da arte-educação com base na teoria crítica, a partir da recente produção teórico-prática de arte-educadores, o “Caderno de Arte” dos *Pârametros Curriculares Nacionais* e outras possibilidades formativas da arte que vão além da escola, Batista (2002) conclui que ao não se problematizar a arte, grande parte dos esforços da arte-educação concentra-se em informar e não em formar por meio da arte, colaborando, assim, com a indústria cultural.

Mezzaroba (2009), ao abordar a questão do esporte e do lazer na perspectiva da indústria cultural, procura analisar a utilização do esporte no tempo de lazer, sobretudo quando apresentado pela mídia televisiva, transformando-nos de praticantes (experimentação) a assistentes (vivência).

No decorrer do texto procuramos analisar as contribuições de Adorno para os estudos do lazer, a partir das relações entre as “categorias” indústria cultural e tempo livre. Ao destacar e analisar a contribuição do autor para a formulação de uma possível “teoria do lazer” esperamos poder contribuir para o embasamento teórico de projetos que estudem as relações entre lazer e cultura e lazer e sociedade, bem como projetos de ação na área.

## Referências

ADORNO, T. W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 119-138.

\_\_\_\_\_. **Palavras e sinais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

\_\_\_\_\_.; HORKHEIMER, Max. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: \_\_\_\_\_. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-156.

ANDRADE, Carolina Paes de. **A importância de um grande equipamento de lazer na periferia de São Paulo: O SESC Itaquera e os jovens que vivem sem seus arredores**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - FACIS, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

ASSOUN, P. L. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Ática, 1991.

BATISTA, Sueli Soares dos Santos. **Elementos para reflexão sobre arte e educação a partir da teoria crítica**. 2002. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRAMANTE, A. C. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 161 a 179.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

COSTA, A. C. S; PALHETA, ANA; MENDES, A. M. P.; LOUREIRO, A. S. Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Idéias**, Belém, v. 8, n.13, p.13-22, jun. 2003.

DUARTE, Rodrigo. A formulação da teoria crítica da indústria cultural na dialética do esclarecimento. In: \_\_\_\_\_. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 39-75.

DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre: PUC-Celar, s.d.

\_\_\_\_\_. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Planejamento do lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. São Paulo: SESC, 1980b.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FARIAS, Mário Norberto. **Desmistificando o tempo livre como tempo para práticas educativas nas sociedades administradas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

FORACCHI, M. A.; MARTINS, J.S. (Orgs.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981. p. 1 a 8.

HELOANI, Roberto. **A valorização da reflexão: o melhor antídoto contra o dogmatismo**. Unicamp/FGV-SP/UNIMARCO. 2003. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt4/05.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2010.

HUHNE, L. M. **Metodologia científica: caderno de textos e técnicas**. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

MACEDO, Carmen Cinira. Algumas observações sobre a cultura do povo. In: VALLE, Edênio (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1982.

MARCELLINO, N. C. Atividade e passividade. **Correio Popular**, Campinas, p. 2, 15 mai. 1987. Suplemento Lazer & Turismo.

\_\_\_\_\_. O lazer: sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, CBCE, v. 12, p. 313-317, 1992.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **O conceito de lazer nas concepções da educação física escolar-o dito e o não dito**. Biblioteca Digital. 2006. Disponível em:

<[http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca\\_mostra.asp?id=936](http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca_mostra.asp?id=936)>. Acesso em: 06 de mai.2010.

\_\_\_\_\_. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lazer e educação**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 2008.

MEZZAROBA, Cristiano. Esporte e lazer na perspectiva da indústria cultural: aproximações preliminares. **Esporte e Sociedade**, ano 4, n. 11, mar.-jul. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1105.pdf>>. Acesso em: 02 de mar.2010.

NASCIMENTO, R. M.; MARCELLINO, N. C. Notas sobre as possíveis contribuições de Theodor W. Adorno para estudos sobre lazer. **Licere**, Belo Horizonte, MG, v. 3, n.1, 2010. Disponível em: [http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N01\\_ar3.pdf](http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N01_ar3.pdf). Acesso em: 12 de abr. 2010.

PARRA, F. D.; SANTOS, J. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2002.

PEREIRA, O. **O que é teoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

RUDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SANTOS, A. R. dos, **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SAVIANI, D. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1980.

THERBORN, Goran. Dialética da modernidade: a teoria crítica e o legado do marxismo no século XX. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, 1995.

VALLE, Edênio (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1982.

VAZ, A. F. Reflexões de passagem sobre o lazer: notas sobre a pedagogia da indústria cultural. **Pensar a Prática (Online)**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 13-26, 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/122/117>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

WIGGERSHAUS, R. **Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difel, 2002.